



Caracterização das Condições Sociais, Econômicas e Culturais da Comunidade Indígena Mbyá Guarani para o Desenvolvimento de Sistemas Agroflorestais na Ilha da Cotinga, Paranaguá, Paraná

Luciano Javier Montoya Vilcahuaman¹
João Luiz Veiga Silva Filho²
Ary Fábio Giordani Daniel³
Miguel Antonio Leoni Gaissler⁴

Introdução

O presente trabalho é uma atividade prevista no Plano de Trabalho do projeto *Implantação de Tecnologias em Sistemas Agroflorestais e Revitalização Cultural em Terra Indígena no Paraná*, desenvolvida por pesquisadores da Embrapa Florestas e técnicos do Instituto Indigenista e de Estudos Sócio-Ambientais – Terra Mater, financiado pelo Ministério de Desenvolvimento Agrário (MDA). A comunidade indígena selecionada foi a Mbyá Guarani da Ilha da Cotinga, Município de Paranaguá, PR. O objetivo do trabalho foi avaliar os aspectos socioeconômicos e o manejo praticado de seus recursos produtivos, visando incrementar a eficiência dos sistemas produtivos através do fomento de práticas agroflorestais.

A metodologia utilizada baseia-se no Diagnóstico Rápido Participativo (DRP), que reconhece a importância do conhecimento do beneficiário como fonte básica de informação na busca de melhoria de condição de vida. As informações básicas foram levantadas diretamente com a comunidade e instituições públicas e privadas ligadas com assuntos indígenas. A presente pesquisa foi realizada no mês de janeiro de 2006, numa primeira fase, e nos meses de agosto a setembro, numa segunda fase.

Caracterização da Área de Estudo

Os Mbyá Guarani

Os indígenas Guarani contemporâneos que vivem no Brasil podem ser classificados em três grandes grupos – Kaiová, Nhandeva, Mbyá – conforme as diferenças de costumes e de práticas rituais. A divisão dos Guaranis, no Brasil, em três grupos, corresponde também a uma definição apontada e reconhecida pelos próprios índios.

A identificação do grupo Mbyá é determinada através de especificidades culturais e lingüísticas nítidas. Desse modo, a despeito dos diversos tipos de pressões e interferências que os Guaranis em geral vêm sofrendo no decorrer de séculos, e da vasta dispersão geográfica de suas aldeias, na América do Sul, os Mbyá se reconhecem enquanto povo diferenciado. Dessa forma, apesar da miscigenação entre os vários grupos Guarani, os Mbyá mantêm uma unidade cultural e lingüística que lhes permite reconhecer seus iguais, mesmo vivendo em aldeias separadas por grandes distâncias geográficas e envolvidas por distintas sociedades nacionais, como Argentina, Paraguai, Uruguai, Brasil (LADEIRA, 1994).

¹ Engenheiro Agrônomo, Doutor, Pesquisador da *Embrapa Florestas*. lucmont@cnpf.embrapa.br.

² Administrador Rural, Mestre. joaossilva@hotmail.com.

³ Arte Educador, Mestrando, Terra Mater. arygiordani@hotmail.com.

⁴ Arqueólogo. Terra Mater. miguelgaissler@yahoo.com.br.

A ocupação da Ilha da Cotinga, pelos índios Guarani, ocorreu no início da década de 1960 por um grupo de indígenas liderado pelo Sr. João Silva. No final de 1987, ele deixa a Ilha da Cotinga, acompanhado de cerca de 200 indígenas, rumo à aldeia Itatingo (Bracui), no Estado do Rio de Janeiro. Uma de suas lideranças, Cristino da Silva, permanece na ilha como cacique e lidera a comunidade na obtenção da demarcação territorial, cuja identificação ocorreu em 1993 e a homologação no final de 1995. Atualmente o Sr. Nilo Rodrigues é o cacique da comunidade.

A mobilidade é conferida como traço característico dos Mbyá Guarani e isso evidencia o contínuo movimento de intercâmbio entre as aldeias e o fluxo de moradores que transitam pela ilha. Nesse intercâmbio, são reforçadas as relações sociais e de reciprocidade, casamentos, visitas a parentes, troca de informações, de sementes e de mudas

de plantas e de conhecimentos adquiridos nas relações com a sociedade, nas assembléias e conselhos (LADEIRA, 1992).

Localização

A Ilha da Cotinga está situada a 2 km a leste da cidade de Paranaguá, em frente à foz do Rio Itiberê.

A Terra Indígena *Pindoty* é formada por duas ilhas, a da Cotinga e a Rasa da Cotinga, totalizando 1.701,20 ha. A aldeia Mbyá Guarani tem seu território demarcado e faz divisa com a propriedade do late Clube de Paranaguá. Na porção noroeste da Ilha da Cotinga, há uma elevação de rochas cristalinas com aproximadamente 200 m de altitude, sendo que a sudeste desta elevação, encontra-se a parte plana da ilha formada por massas de areia recente, circundada por áreas de várzeas e de manguezal (Figura 1).

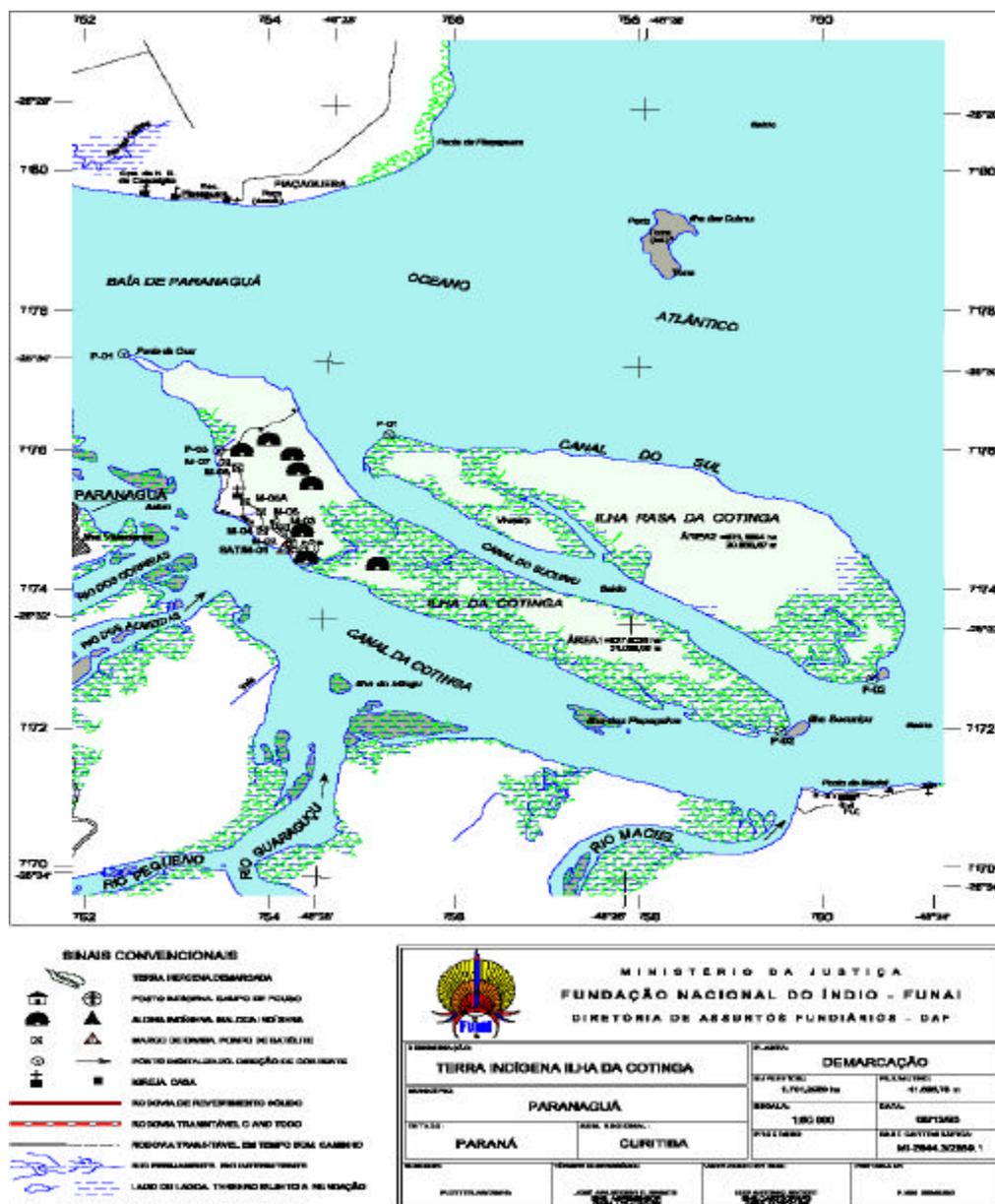


Figura 1. Mapa geral da terra indígena da Ilha de Cotinga, Município de Paranaguá, PR.

Quadro Natural

O Clima da região litorânea do Paraná, segundo a classificação de Köppen, é do Tipo Af - clima tropical Super úmido, sem estação seca, praticamente sem inverno, com temperatura média do mês mais frio superior a 18 °C.

A cobertura vegetal classificada como Floresta Ombrófila Densa apresenta duas fisionomias. As áreas com solo de drenagem deficiente apresentam predomínio do guanandi (*Callophyllum brasiliense*) e da embaúba (*Cecropia* spp.), que formam o estrato arbóreo superior com 25 m de altura. Mesclada a essa floresta mais alta, nos solos com melhor drenagem, ocorre uma floresta menos desenvolvida, com alturas de 8 m a 15 m, onde são típicas a cupiúva (*Tapirira guianensis*), a canelinha (*Ocotea*

pulchella), o guapuruvu (*Schizolobium parahyba*), a urivá (*Hibiscus tiliaceus*), a caxeta (*Tabebuia* spp.), entre outras. Parte dessas áreas encontra-se coberta por gramíneas, com destaque para o capim-colonião (*Panicum maximum*), resultante de práticas agrícolas e pecuárias, anteriores à atual ocupação indígena.

O solo, de forma geral, é caracterizado como distrófico (baixa saturação por bases trocáveis). Para o reconhecimento do solo nas áreas usadas para exploração, foram coletadas amostras em dois locais e em duas profundidades pré-determinadas de 0 a 20 cm e a outra de 20 cm a 40 cm. As amostras foram encaminhadas para análise física e química, conforme EMBRAPA, 1999. Com base nestes resultados, pode-se caracterizar o solo como de classe textural franco argilo-arenoso (Tabela 1).

TABELA 1. Análise física do solo agrícola da comunidade indígena da Ilha da Cotinga.

| | Profundidade | Argila (g/kg) | Silte (g/kg) | Areia (g/kg) |
|---------|--------------|---------------|--------------|--------------|
| Ponto 1 | 0 a 20 cm | 260 | 200,4 | 539,6 |
| | 20 a 40 cm | 300 | 136,6 | 563,4 |
| Ponto 2 | 0 a 20 cm | 270 | 280,2 | 450,2 |
| | 20 a 40 cm | 260 | 205 | 535 |

Pela determinação química do solo agrícola (Tabela 2), observa-se que o mesmo apresenta elevada acidez, altos teores de alumínio, baixos teores de cálcio e magnésio, médios teores de potássio, altos teores de fósforo nos 20 cm mais superficiais e baixos teores nas profundidades de 20 cm a 40 cm, além de altos teores de carbono. De forma geral, são solos não apropriados para cultivos agrícolas e favoráveis para o estabelecimento da floresta nativa.

TABELA 2. Análise química dos solos agrícolas da comunidade indígena da Ilha da Cotinga

| Profundidade | pH CaCl ₂ | pH SMP | (cmolc/dm ³) | | | | | | ppm | g/dm ³ |
|--------------|-------------------------|--------|--------------------------|--------|-----|-----|-----|------|------|-------------------|
| | | | Al | Al + H | Ca | Mg | K | P | C | |
| Ponto 1 | 0 a 20 cm | 4,7 | 5,9 | 0,3 | 5,4 | 2,2 | 1,4 | 0,12 | 21,3 | 30,5 |
| | 20 a 40 cm | 4 | 5,7 | 1,4 | 6,2 | 0,4 | 0,2 | 0,03 | 1 | 11,2 |
| Ponto 2 | 0 a 20 cm | 4,1 | 5,1 | 2,1 | 9,7 | 0,5 | 0,2 | 0,1 | 32 | 26,9 |
| | 20 a 40 cm | 4,1 | 5,2 | 1,8 | 9 | 0,3 | 0,2 | 0,1 | 1,9 | 17,2 |

Resultados

Perfil populacional

Na aplicação do DRP, foram identificados 14 famílias na comunidade, compondo um universo de 55 pessoas⁵. A Figura 2 mostra o perfil populacional encontrado, representado por crianças e jovens (67,3 %), adultos (25,4 %) e idosos (7,3 %).

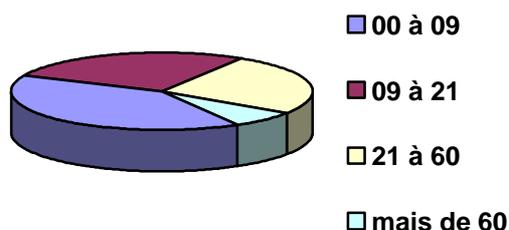


Figura 2. Faixa etária encontrada na população Mbyá Guarani da Ilha de Cotinga.

Dos 55 indígenas que atualmente residem na Ilha, 58,2 % procedem do Estado do Paraná, 21,8 % de Santa Catarina, 16,4 % de São Paulo, 1,8 % do Rio Grande do Sul e 1,8 % do Paraguai. Do total de procedentes do Paraná, 38,2 % são oriundos da Ilha da Cotinga, 9,1 % da Aldeia de Rio das Cobras, 7,3 % da Aldeia de Palmeirinha, 1,8 % da Aldeia de Manguerinha e 1,8 % da Aldeia de Pinhal. Nascidos no Estado de Santa Catarina, 12,7 % são oriundos da Aldeia de Ibirama, 7,3 % da Aldeia Chapecozinho e 1,8 % da Aldeia Marangatu; do Estado de São Paulo, 12,7 % nasceram na Aldeia de Sete Barras e 3,7 % na Aldeia de Mongaguá; ainda, 1,8 % procedem da aldeia de Guarita, do Estado do Rio Grande do Sul e outros 1,8 % da Aldeia de Nhunpunãu Nova, no Paraguai (Figura 3).

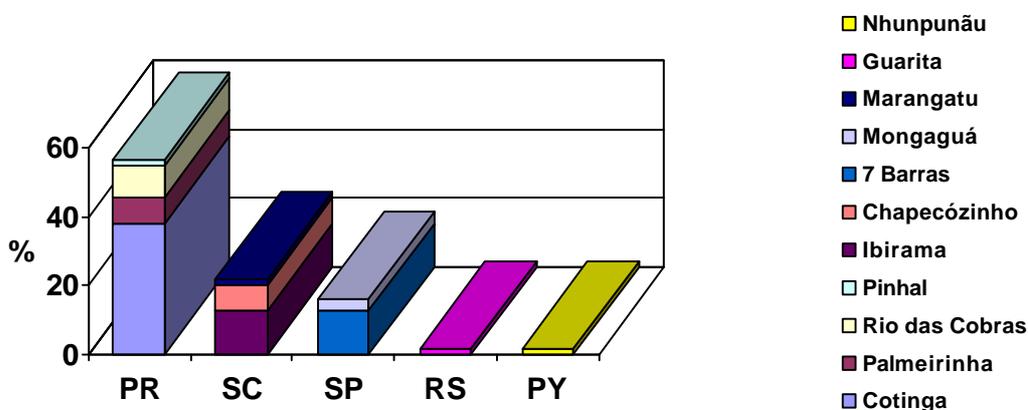


Figura 3. Procedências de indivíduos que se encontram na Ilha de Cotinga.

Em relação à escolaridade da população, a partir dos cinco anos de idade, observou-se que 41,3 % dos indivíduos não eram alfabetizados, 50 % se apresentavam com nível escolar fundamental incompleto, 6,5 % com ensino médio incompleto e 2,2 % com nível superior incompleto (Figura 4).

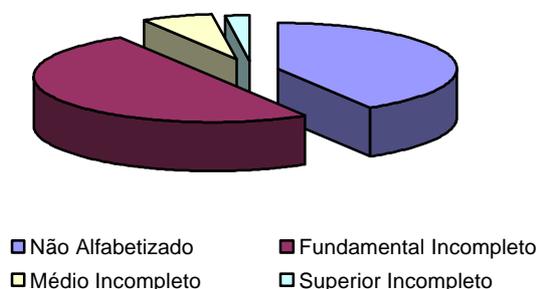


Figura 4. Nível de escolaridade dos índios Guarani Mbyá da Ilha de Cotinga.

Perfil de Ocupação e de Geração de Renda

O levantamento das atividades referentes à ocupação demonstra que se trata de uma comunidade de artesãos. Constatou-se que 54,8 % do total de entrevistados ocupavam-se do artesanato e que tem nela sua principal fonte de renda. A atividade agrícola representa 12,9 % e é integralmente destinada ao autoconsumo. Existem, também, outras atividades com alguma forma de pagamento financeiro: 6,5 % dos índios atuam como agentes de saúde na comunidade, 3,2 % como auxiliares no magistério e 12,9 % como aposentados.

Dessa forma a renda principal das famílias é adquirida pela venda de produtos artesanais, aposentadoria, bolsa família, prestação de serviços temporários e apresentações culturais, além da participação em programas assistenciais

⁵ No relatório elaborado por técnicos da FUNAI em setembro de 1985, a população estimada era de 117 índios. Em outubro de 1986, a Coordenadoria de Terras Indígenas/SG/MIRAD visitou a área indígena e elaborou um informe, onde a população foi calculada em 138 pessoas (LADEIRA, 1992).

e outros projetos. Do total de famílias, 50 % recebem uma renda entre um e dois salários mínimos, 35,7 % angaria menos que um salário mínimo e 14,3 % apresentam renda superior a dois salários mínimos mensais (Figura 5).

A agricultura observada na Ilha da Cotinga é praticada com espécies herbáceas tradicionais guarani como milho (avaxi), feijão (kumandá), mandioca (mandio), batata-doce (jety), amendoim (manduvi). Em seus policultivos, utilizam áreas por um período de três a quatro anos, sendo então abandonadas, não recebendo a inserção de espécies arbóreas, questão justificada tanto pela devastação destas áreas pela sociedade envolvente, quanto pela cosmovisão, que destina a formação das florestas como função de deidades como Kuaray e Jaci (o Sol e a Lua).

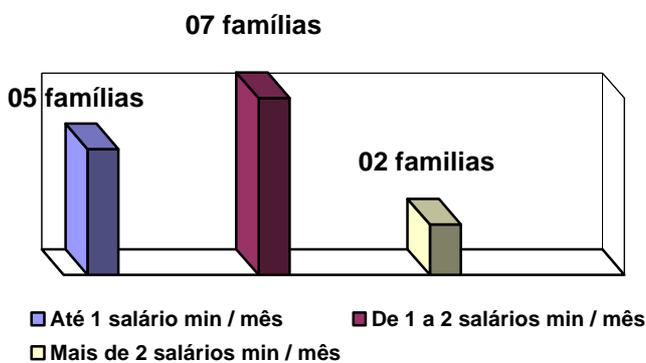


Figura 5. Renda Familiar das 14 famílias da Comunidade Indígena Guarani Mbyá da ilha de Cotinga.

A comunidade participa do programa de troca de cestas básicas por artesanato, desenvolvida pelo Programa do Voluntariado Paranaense (PROVOPAR), conta com a distribuição de cestas básicas pela FUNAI e com a entrega de leite, pelo programa “Leite para as Crianças”, subsidiado pelo governo do estado, além do auxílio esporádico de instituições de cunho filantrópico e religioso.

O Artesanato

A matéria-prima base do artesanato é a caxeta (*Tabebuia cassinoides*), com a qual são feitas esculturas entalhadas e queimadas a ferro. O manejo da caxeta praticado consiste no corte de galhos, dos quais aqueles considerados inadequados ao uso no artesanato são deixados sem danificação para que ocorram brotações e a conseqüente recuperação natural da árvore. Verificou-se que 75 % do material empregado no artesanato era de caxeta e que o restante era representado por sementes, madeiras locais e materiais sintéticos. Destacam-se as sementes de milho e feijão, e as madeiras do café-do-mato, do nó-de-pinho, cedro, bambu, da taquara e do cipó, além da utilização de espinhos de ouriço, dentes de tateto, penas de galinha tingidas com anilina ou corantes industrializados - entre

outras pequenas peças adquiridas durante visitas ou cedidas por parentes. Miçangas plásticas e linhas de pesca também figuram entre os materiais utilizados. Além destas esculturas feitas de caxeta, produzem-se na ilha, diversas variedades de cestaria, colaria, artefatos de arte plumária e instrumentos musicais.



Figura 6. Produção artesanal: esculturas e instrumentos musicais em madeira de caxeta (*Tabebuia cassinoides*).

Do artesanato produzido na comunidade, 75 % são comercializados na cidade de Paranaguá, 12,5 % vendidos em cidades próximas e os 12,5 % restantes, vendidos durante viagens a cidades mais distantes e, em outros estados.

As práticas tradicionais na confecção artesanal vêm sofrendo atualizações constantes, inclusive com a adoção de produtos industrializados ou não naturais. Constatou-se, nesse sentido, a adição de cimento no barro para confecção do petangá (cachimbo), a utilização da lã industrializada na ornamentação de artefatos e a utilização de elementos plásticos e de corantes sintéticos. Uso do solo (roças).

Uso dos Solos (Roças)

Em relação ao uso da terra, verificou-se que das 14 famílias Mbyá⁶ da Ilha da Cotinga, sete, desenvolvem práticas agrícolas com diferentes produtos. Destas, quatro famílias mantêm cultivos superiores a 1 “litro” de terra (aproximadamente 600 m²). De forma geral, as áreas de plantio, chamadas de “roças”, encontram-se localizadas ao redor das casas, não mais distante que 100 m. O tamanho

da roça é determinado de acordo com o número de membros da família. As áreas de roça na ilha, incluindo aquelas que já estão em pousio, são de aproximadamente de 10 ha. Nas parcelas agrícolas em pousio, nota-se intensa presença das gramíneas com capim-colonião (*Panicum maximum*) e braquiária (*Brachiaria decumbens*). Os cultivos predominantes nas roças configuram-se da seguinte forma: 100 % dos agricultores plantam milho (*Zea mays*), Avati Eté⁷ das variedades avaxí ju (milho amarelo), avaxí xí (milho branco), e avaxí pytã (milho vermelho). O milho pipoca avaxí pichingá ou pororó foi plantado por um agricultor, a partir de sementes fornecidas pelo Instituto indigenista Ygaribá. A cultura da mandioca é praticada por 85,7 % dos agricultores, de feijão por 71,4 %, e a melancia possivelmente pertencente ao gênero *Citrullus* é cultivada por 57,1 % dos agricultores. Destes, 42,8 % plantam amendoim, 28,6 % batata doce e milhos híbridos. A cebola, o tomate, o pepino e o repolho, apresentaram incidência sobre um único núcleo familiar. O caju (*Anacardium occidentale*), o taiá (*Xanthosoma spp.*) e o urucum (*Bixa orellana*), espécies tradicionais guarani, não foram encontradas nas roças da Ilha da Cotinga.

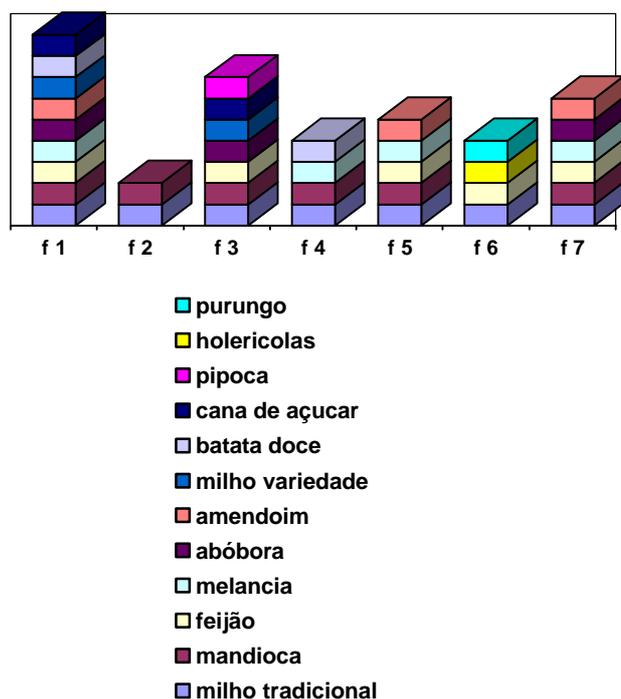


Figura 7. Distribuição de produtos agrícolas entre as sete famílias de agricultores existentes na Ilha de Cotinga.

⁶ ... esses antigos ocupantes, chamados de Carijós no século XVI, esclarecem terem sido primordialmente horticultores, complementando sua subsistência com caça, pesca e coleta (LITAIFF, 1991).

⁷ Avaxí etei significa "milho verdadeiro", uma classificação genérica que abrange todos os tipos de milho tradicionalmente cultivados pelos próprios Guarani Mbyá. Bastante destacado nas produções etnográficas feitas a respeito desse grupo por sua função religiosa e social, o avaxí etei está relacionado a um dos mais importantes ritos religiosos que acontecem anualmente nas aldeias Guarani, o Nimongarai (SCHADEN, 1974; LADEIRA, 1992; GARLET, 1998).

O manejo agrícola utilizado é o tradicional Mbyá Guarani *coivara*, onde a partir de uma roçada na capoeira e da utilização do fogo, a área está preparada para as atividades do plantio de cavoco, que se estende num período de julho/agosto até outubro/novembro. A escolha do local da roça, segundo os entrevistados, está ligada diretamente às manchas de terra fértil, que são escassas.

As atividades de plantio, tanto do milho Guarani como também das outras plantas cultivadas, são feitas de forma escalonada, sempre respeitando a fase da lua. No consórcio entre as espécies, o milho foi o componente anual principal, seguido da mandioca e da batata doce que foi observada como complementar no policultivo e em um caso, cultivada solteira. O feijão (*Phaseolus vulgaris*) foi identificado em duas áreas, uma o feijão consorciado com milho (*Zea mays*) e abóbora (*Cucurbita maxima*) e outra o feijão, consorciado com milho e palmeira-real (*Archontophoenix alexandrae*), espécie exótica, inserida por programa da FUNAI. A identificação de preparo do solo com utilização do micro-trator de propriedade da associação local foi feita em apenas uma área para plantio de palmeira-real, no ano de 2005, onde foram plantadas 500 mudas.



Figura 8. Sistema típico de plantio consorciado praticado pelos índios Guarani Mbyá da Ilha de Cotinga. (Foto: João Silva)

Foi observada prática do homem branco, entre os índios. Dois agricultores utilizam-se de isca química para o combate a formigas nas culturas de melancia e abóbora, nas demais culturas, os entrevistados manifestaram não terem problemas de doenças e pragas.

A maioria dos entrevistados não apresenta o hábito do plantio de mudas de espécies arbóreas, explicitando a participação do não índio como uma das principais causas da degradação de espécies florestais locais.

Em relação aos “quintais agroflorestais”, pequenas áreas com espécies arbóreas e frutíferas, identificou-se que cinco famílias demonstraram interesse em diversificar estes quintais. A laranjeira, tangerina, goiaba e as nativas jabuticaba (*Myciaria cauliflora*) e pitanga (*Eugenia uniflora*), além de bananeiras e abacaxi, foram escolhidas por 60 % dos entrevistados, enquanto 40 % indicaram que plantariam em seus quintais o cedro (*Cedrela fissilis*) e o guapuruvu (*Schizolobium parahyba*), componentes madeiráveis de cunho religioso. A erva-mate (*Ilex paraguariensis*) e a gabiroba (*Campomanesia xanthocarpa*), espécies que não são do local, foram apontadas por 20 % das famílias.

Considerações Finais e Propostas de Ação

Os Guaranis da Ilha da Cotinga eram reconhecidos como hábeis agricultores, com grande abundância de plantas cultivadas e coletadas para alimentação, de uso medicinal, em rituais e para o artesanato. Atualmente, a roça é uma atividade desenvolvida por algumas famílias que cultivam pequenas áreas com policultivos voltados inteiramente ao auto-consumo, não gerando excedentes nem sendo praticado nenhum sistema de mutirão. Geralmente são conduzidos pelo homem, sendo que a participação dos mais jovens é dada geralmente quando recebe pelo trabalho, ou seguindo uma ordem do cacique.

Para as famílias que cultivam a terra, as cestas básicas e produtos comprados no mercado local (Paranaguá) demonstraram ser um complemento na dieta alimentar, enquanto que as famílias que não cultivam a terra, ficam na dependência do assistencialismo da política indígena oficial.

Atualmente a atividade de produção agrícola não é de interesse da metade das famílias existentes na Ilha da Cotinga. Talvez seja pelas dificuldades e esforço físico exigidos pelas atividades agrícolas que essa prática tenha sido suplantada pela confecção de produtos artesanais. Alguns índios justificam que optaram pelo artesanato, em detrimento da agricultura, devido à concepção imediatista de subsistência, além dos riscos de frustração de colheita,

pois a roça demora algum tempo para produzir, desde a fase do preparo da terra à colheita. No artesanato, a geração de renda é mais rápida e pode ser revertida na compra de alimento nos mercados da cidade. Segundo eles, o tempo e a quantidade de trabalho dedicado até a colheita supera em muito suas necessidades imediatas. Como consequência desse processo, quando há uma maior necessidade, deixam imediatamente os cuidados que as roças requerem, especialmente as capinas. Eles abandonam as roças e se dedicam ao artesanato, não se importando que a invasão do mato ocasionará perdas irreversíveis às lavouras. Também, ficou evidente que a maioria das famílias da comunidade não tem o hábito do plantio de mudas de espécies florestais e/ou frutíferas.

Ficou evidente a falta de um planejamento agrícola e agroflorestal que leve em consideração a satisfação das necessidades básicas de subsistência no tocante à alimentação e na produção de matéria-prima para o artesanato. Há a necessidade da inserção de espécies anuais e perenes melhoradoras do solo e de espécies frutíferas dentro do sistema produtivo, a fim de assegurar a alimentação da comunidade e do desenvolvimento de quintais agroflorestais a curto e médio prazo, a partir da conservação de sua tradição e da diversidade genética de suas espécies tradicionais.

As atividades de capacitação em técnicas artesanais deverão ser estimuladas, buscando-se agregar valores à produção elaborada pela comunidade, visando à expansão de mercado e conseqüentemente o aumento dos ganhos e da produtividade, prezando pela valorização das práticas culturais e pelo manejo sustentável dos recursos existentes na ilha.

Constatou-se também, que os indígenas devem se voltar para a conscientização e o resgate da cultura tradicional guarani em relação às espécies agrícolas. É importante para o povo Guarani, especialmente para os jovens, que guardem o “princípio fundamental” citado por Schaden (1974), da organização sociocultural Guarani, onde se afirma que as redes de parentesco formadas pelas famílias Mbyá funcionam, de acordo com Felipim (2001), como verdadeiros canais de circulação mediante inúmeros serviços e recursos que são distribuídos e remanejados. Para tanto, sugere-se a procura da melhoria de sua auto-estima, através de processos de gestão compartilhada. Desde a verificação da real necessidade do resgate das sementes junto a instituições de pesquisa como a Embrapa e em outras comunidades Guarani Mbyá e da sua forma de agricultura (agroflorestas) junto à comunidade, até a parceria na execução das ações e respeito aos seus conhecimentos.

Pretende-se com isto alavancar o processo de revitalização da sua cultura e de sua agricultura, intimamente ligadas à natureza e aos processos naturais, bem como trazer a reflexão para a nossa sociedade sobre outras formas de relação e interação dos homens com a natureza, através do instrumental analítico e teórico fornecido pela etnobotânica.

Para a concretização eficaz dessas iniciativas, fazem-se necessárias atividades de motivação, capacitação e a implantação e acompanhamento destas práticas que visam ao mútuo entendimento dos procedimentos propostos, tanto no aprendizado etnológico dos técnicos envolvidos, quanto na assimilação destas “novas práticas tecnológicas” pelos agentes indígenas em formação, prezando-se pelo respeito mútuo e pela aplicação de alternativas sustentáveis e equitativas voltadas ao etnodesenvolvimento Mbyá Guarani.

Mensagem de um Índio Guarani Mbyá (Felipim, 2001):

“Quando *Nhanderu* colocou o índio na terra, já colocou plantas para sobreviver, colocou *jety ju*, *avaxi etei*, *mandiô juí*, *manduvi juí*. Os velhos contam que os Guarani bem antigos não usavam ferramenta e nem nada, viviam só da mata, caçando, pegando *yxó*, *bindô*, frutas. Um dia, um índio encontrou um lugar bem grande, um aberto na mata, aí ele queimou o lugar, tocou fogo, para poder arrumar um lugar para ficar. Então, no outro dia choveu, choveu trovoada. Depois, no dia seguinte, o índio foi lá no lugar que ele tocou fogo e encontrou os milhos nascendo. Nasceu também melancia, nasceu abóbora, nasceu um monte de coisa. Foi *Nhanderu tupã* que tinha derramado para ele. Eram as plantas sagradas. Aí o índio começou a guardar e gerou outras plantas, e essas nunca podem se perder”.

Referências

FELIPIM, A. P. **O sistema agrícola Guarani Mbyá e seus cultivares de milho**: um estudo de caso na aldeia Guarani da Ilha do Cardoso, Município de Cananéia, SP. 2001. 120 f. Dissertação (Mestrado) - Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”, Universidade de São Paulo, Piracicaba.

GARLET, I. J.; SOARES, A. L. R. **Cachimbos Mbyá-Guarani**: aportes etnográficos para uma arqueologia Guarani. In: FUNARI, P. P. A. (Org.). *Cultura material e arqueologia histórica*. Campinas: Unicamp, 1998. p. 251-74.

LADEIRA, M. I. **O caminhar sob a luz**: o território Mbyá à beira do oceano. 1992. 199 f. (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo.

LADEIRA, M. I. **Os índios Guarani Mbyá e o Complexo Lagunar Estuarino de Iguape - Paranaguá**. São Paulo: Centro de Trabalho Indigenista, 1994. 43 p. Parecer para a Secretaria de Meio Ambiente de São Paulo.

LITAIFF, A. **As divinas palavras**: representações étnicas dos Guarani-Mbyá. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 1991. 22 p.

SCHADEN, E. **Aspectos fundamentais da cultura Guarani**. 3. ed. São Paulo: E.P.U.: Edusp, 1974. 190 p.

Comunicado Técnico, 169

Exemplares desta edição podem ser adquiridos na:

Embrapa Florestas

Endereço: Estrada da Ribeira km 111 - CP 319

Fone / Fax: (0***) 41 3675-5600

E-mail: sac@cnpf.embrapa.br

Para reclamações e sugestões *Fale com o*

Ouvidor: www.embrapa.br/ouvidoria

1ª edição

1ª impressão (2006): conforme demanda



Comitê de publicações

Presidente: Luiz Roberto Graça

Secretária-Executiva: Elisabete Marques Oaida

Membros: Álvaro Figueredo dos Santos
Edilson Batista de Oliveira / Honorino R. Rodigheri /
Ivar Wendling / Maria Augusta Doetzer Rosot / Patrícia
Póvoa de Mattos / Sandra Bos Mikich / Sérgio Ahrens

Supervisor editorial: Luiz Roberto Graça

Revisão texto: Mauro Marcelo Berté

Normalização bibliográfica: Elizabeth Câmara
Trevisan / Lidia Woronkoff

Editoração eletrônica: Mauro Marcelo Berté

Expediente